

ENTRE SABERES E PRÁTICAS: DIÁLOGOS FREIREANOS E A POTÊNCIA FORMATIVA DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Hélio Júnior Rocha de Lima
Elisama Costa de Souza
Isabel Cristina Gondim Rocha
Jullya Emmanuely Ferreira Fernandes

PALAVRAS-CHAVE: Círculos de Cultura. Teatro do Oprimido. Desigualdade social.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE), em parceria com o Projeto de Extensão Teatro Imagem na Sala de Aula (TISA), tem se dedicado à construção de práticas pedagógicas que promovem a horizontalidade das relações educativas e a participação ativa dos sujeitos. Fundamentadas nos princípios da educação popular freireana, essas práticas se materializam por meio dos Círculos de Cultura, espaços dialógicos e dinâmicos de aprendizagem e troca de saberes e do Teatro do Oprimido, ação teatral criada por Augusto Boal que propõe a arte como instrumento de reflexão crítica e transformação social.

Diante da necessidade de fortalecer metodologias que articulem educação, arte e emancipação, este estudo tem como objetivo evidenciar a aplicação dos Círculos de Cultura e do Teatro do Oprimido como estratégias formativas capazes de promover a inclusão, o diálogo e a participação efetiva de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Justifica-se tal investigação pela relevância de compreender como essas práticas contribuem para a democratização do conhecimento e para a construção de uma educação comprometida com a justiça social e a transformação da realidade.

DESENVOLVIMENTO

Os Círculos de Cultura, propostos por Paulo Freire (1991), configuram-se como uma prática pedagógica fundamentada na dialogicidade, na problematização e na construção coletiva do conhecimento. Mais do que uma metodologia, constituem um modo de ser e fazer educação, pautado na escuta sensível e na valorização dos saberes populares, em contraposição à lógica bancária do ensino. Freire propõe uma educação que ultrapasse a mera transmissão de informações, tornando-se um processo emancipatório e político, capaz de fomentar a consciência crítica e a ação transformadora dos sujeitos. Nesse sentido, os Círculos de Cultura constituem espaços radicalmente democráticos e libertadores, nos quais o diálogo se torna a via para a leitura crítica da realidade e para a ação coletiva sobre ela. Conforme afirmam Nascimento, Pernambuco e Lima (2017, p. 59), a dinâmica da ação-reflexão-ação sustenta a natureza processual e coletiva da problematização, consolidando o círculo como um território de construção compartilhada de saberes e de reconfiguração das relações de poder que atravessam o ato educativo.

Por sua vez, o Teatro do Oprimido, concebido por Augusto Boal na década de 1970, emerge como um sistema estético-político em resposta à censura e à repressão instauradas pela ditadura militar brasileira. Boal (2005a, p. 42) enfatiza que o Teatro do Oprimido nasce como uma forma de resistência cultural e de ampliação da participação popular nos processos de criação e reflexão crítica. Suas técnicas, como o Teatro Imagem e o Teatro propõem uma pedagogia da corporeidade e da expressão, na qual o corpo se torna instrumento de leitura e transformação da realidade social. Ao substituir a palavra pela imagem e pelo gesto, o Teatro do Oprimido amplia as possibilidades comunicativas e promove o diálogo sensível entre sujeitos historicamente silenciados, convertendo o espectador em espectador, isto é, participante ativo da cena e da reflexão.

A articulação entre os Círculos de Cultura e o Teatro do Oprimido revela, portanto, uma convergência epistemológica e política: ambas as práticas propõem uma ruptura com as estruturas hierárquicas do saber e com os modelos de educação verticalizados, instaurando metodologias participativas, críticas e libertadoras.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Alfredo Simonetti, instituição parceira dos Projetos de Extensão LEFREIRE e TISA, no período que compreende a edição 2024 das ações dos projetos extensionistas acima supracitados. A população participante foi composta por alunos e professores da referida escola, distribuídos nos três turnos de funcionamento (matutino, vespertino e noturno). Como instrumentos de obtenção de dados, foram realizados Círculos de Cultura, orientados pela perspectiva freireana de diálogo e problematização da realidade, e a apresentação de um Teatro-Fórum intitulado “*Acesso é permanência?*”, inspirado nas técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Os dados produzidos durante essas atividades foram analisados de forma qualitativa e interpretativa, com base na dinâmica da ação-reflexão-ação, buscando compreender como as práticas integradas de educação popular e arte contribuem para a formação crítica, a inclusão e o fortalecimento da autonomia dos sujeitos envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Círculos de Cultura, reconhecidos mundialmente por seu caráter dialógico e participativo, são adotados pelo LEFREIRE como procedimento teórico-metodológico na elaboração das práticas do Teatro do Oprimido, em parceria com o TISA. Essa integração favorece a problematização crítica da realidade e o desenvolvimento da expressão corporal, da cooperação, da criatividade e da autoestima, consolidando uma prática educativa que articula reflexão, arte e emancipação.

As ações do LEFREIRE se constroem de forma processual e colaborativa, por meio de oficinas, ensaios, viagens de extensão e discussões nos Círculos de Cultura, compondo um itinerário formativo que une teoria e prática. Nessa dinâmica, o Teatro do Oprimido assume uma dimensão central, materializada na peça “*Acesso é permanência?*”, temática que problematiza um dos desafios mais persistentes das instituições educativas brasileiras: as barreiras socioeconômicas e simbólicas que afetam o direito à educação pública e de qualidade.

Nos encontros realizados no Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Alfredo Simonetti (CEJA), as atividades iniciaram-se com jogos teatrais e dinâmicas interativas, concebidos para promover o engajamento e a integração entre os participantes. Em seguida, foi apresentada a performance teatral, na qual se encenava o contraste entre as trajetórias de duas estudantes, uma oriunda de classe alta e outra de classe popular, desde o ingresso em um curso de Pedagogia até as dificuldades enfrentadas no percurso acadêmico. A peça culminou em um intenso momento de diálogo e intervenção coletiva, característico do Teatro-Fórum, no qual alunos e professores foram convidados a entrar em cena, assumir o papel da oprimida e propor alternativas de ação frente às situações de desigualdade.

Na sequência, foi desenvolvida uma atividade de Teatro Imagem, em que os participantes representaram, por meio de imagens corporais estáticas, suas próprias experiências de exclusão, resistência e superação. Esse exercício revelou a potência expressiva do corpo como linguagem e como meio de conscientização e elaboração coletiva da realidade vivida.

As experiências vivenciadas no CEJA demonstraram que a articulação entre os Círculos de Cultura e as dinâmicas do Teatro do Oprimido cria um ambiente pedagógico horizontal, no qual a escuta, o diálogo e a criação coletiva se tornam práticas de resistência e formação crítica. Desse modo, as análises e reflexões construídas ao longo deste estudo evidenciam que, no encontro entre palavra e corpo, entre reflexão e ação, consolida-se um campo de práticas educativas que integra estética, ética e política como dimensões indissociáveis do ato pedagógico. As experiências analisadas mostram que ambas as metodologias potencializam processos de ensino-aprendizagem participativos, criativos e emancipatórios, nos quais os sujeitos se reconhecem como autores de sua história e transformadores de sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os círculos de cultura, os coordenadores junto aos participantes, trazem à superfície assuntos de interesse coletivo. Sistematizado, o estudo da realidade retorna ao grupo e instiga novas questões. Ou seja, na comunidade os saberes conhecidos de forma horizontal, sem que nenhum prevaleça sobre o outro potencializam a sistematização junto aos participantes. Não é imposto conceitos previamente definidos, mas sim incentivado a reflexão sobre questões específicas do contexto local, permitindo que os próprios participantes elaborem suas compreensões ao longo do tempo. Dessa forma, os círculos de cultura e o teatro do oprimido representam ferramentas dinâmicas de pesquisa e aprendizagem, construída coletivamente a partir da vivência dos grupos. Esse caráter inovador permite que o conhecimento emergente seja continuamente reelaborado, permite a horizontalidade de saberes dos sujeitos, respeita as particularidades de cada comunidade e promove uma abordagem mais democrática e participativa na construção do saber.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

BOAL, A. Jogos para atores e não atores. São Paulo: Cosac Naif y, 2015, 416 p.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

NASCIMENTO, Hostina M. F. PERNAMBUCO, Marta M. C. A. LIMA, Hélio J. R. O tema e a problematização da realidade como metodologia de pesquisa participativa. In: RIBEIRO, M. R. F;AMORIN, G. C. C. NASCIMENTO, H. M. F. (orgs). Docência e formação: Perspectivas plurais na pesquisa em Educação. Curitiba: CRV, 2017. P. 51-66.